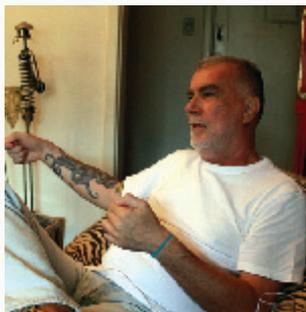


ENTREVISTA

com Francisco Carlos Teixeira

**POR ERIC BRASIL NEPOMUCENO
& GEFERSON RAMOS**



Rodeado de esculturas, pinturas, lembranças de viagens pelo mundo e livros – muitos livros. É nesse ambiente pacífico e aconchegante que somos recebidos por Francisco Carlos Teixeira, ou simplesmente Chico Carlos. Antes mesmo de ligarmos os gravadores, a conversa já flui tranquilamente. Os temas principais são os livros, a mídia, as novas tecnologias, as fontes e o WikiLeaks – assuntos bastante caros ao criador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de estar recém-aposentado da universidade, o professor de História Contemporânea continua em atividade constante, seja pesquisando em arquivos pelo mundo (estava prestes a viajar para a Alemanha), seja participando de debates televisivos, orientando alunos ou concedendo entrevistas. Sempre perspicaz e por vezes polêmico, Chico Carlos respondeu paciente e brilhantemente às nossas questões, que com certeza esclarecerão os limites e possibilidades desse Dossiê, intitulado “Guerras, Conflitos e Tensões”.

Revista Cantareira (RC): Lembro-me de um livro recente que o senhor organizou e que traz um dado que o tema das guerras, especialmente da Segunda Guerra Mundial, são os temas em que há o maior número de publicações...

Francisco Carlos Teixeira (FCT): A Segunda Guerra Mundial é o tema de História mais publicado no mundo, porque, enfim, os países que mais publicam livros – Rússia, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, EUA, Japão – foram duramente envolvidos. As maiores editoras do mundo estão nesses países. Além de tudo, verdadeiramente mudou o mundo. Praticamente não há país que, de uma forma direta ou indireta não tenha se envolvido na guerra. Até mesmo o Brasil, embora não tenha sido tão direta, teve impacto. Então é o tema mais publicado em História.

RC: Para os historiadores, para os estudiosos, diante desse tamanho número de publicações, a originalidade não se torna um desafio ainda maior?

FCT: É. O problema da originalidade é grande, mas também tem uma coisa: como é um tema daquilo que nós chamamos do contemporâneo, o que muitas vezes é até chamada de História do tempo presente, embora aqui tenha uma discussão sobre essa temporalidade – o tempo presente – ele ainda está sobre controle de sigilo. Então na verdade, a primeira classificação dos documentos normalmente é 25 anos, depois 50 anos, alguns 80 anos, outros 100 anos. Por exemplo, estou pensando nos arquivos britânicos. Então, na verdade, a cada 20 anos você tem uma nova coleção de documentos que é colocado a disposição do historiador. E o historiador acaba revendo vários pontos. Então eu acho que até os 100 anos, os últimos documentos classificados americanos, franceses e ingleses vão ser [liberados para pesquisa] em 100 anos, então até 2039...

Por exemplo, os famosos interrogatórios de Hess, por que ele pegou um avião e voou para a Inglaterra, o salto solitário de Rudolph Hess sobre a Inglaterra. Esses documentos nunca foram abertos. A cada 20 anos você ainda tem documentos novos. Mas também, quer dizer, e aí tendo dificuldade com essa coisa do documento oficial, eu continuo achando que a gente precisa ter cuidado com documento oficial, mas ainda tem uma outra coisa, quer dizer, a cada vinte anos chegou uma abordagem nova. A primeira coisa [abordagem] da Segunda Guerra Mundial que era muito o Estado e suas personalidades, de Hitler a Roosevelt, passando por Stalin e principalmente Churchill. Depois você vai mudando, hoje em dia o cotidiano da guerra, aquilo que foi chamado principalmente na nova historiografia inglesa e alemã de o “homem comum”, “*the ordinary people*”, hoje é o principal foco pra Segunda Guerra Mundial.

Então a gente está novamente voltando a ter um material enorme para estudar, esse é quase infinito e que os arquivos são abundantes, não são classificados, não há sigilo. Você hoje se pergunta: “eu não estou mais interessado se Joseph Goebbels era um mago da propaganda, eu estou interessado em saber porque que as pessoas se deixaram convencer ou aderiram a propaganda de Goebbels”. Então eu mudei do polo Estado para o polo população, pessoas e aí muda tudo. Então você vai continuar tendo o que produzir e o que publicar.

RC: Como nosso dossiê se chama “Guerras, Conflitos e tensões”, acho que primeiro a gente tem que pensar como é a conceituação ou a diferenciação entre guerras, conflitos, e tensões... Principalmente a definição de guerra...

FCT: Guerra é simples, porque ela é tão espetacular e ela provoca um embate tão violento que dificilmente você tem dúvidas, embora, por exemplo, um dos maiores fenômenos históricos seja duvidoso, que é a Guerra Fria, nesse sentido. Mas a guerra tem uma definição que é maravilhosa, que não tem como superar, é Clausewitz¹. Clausewitz diz que a guerra é a forma pela qual eu obrigo o meu adversário a aceitar as minhas razões. Há uma conexão de força: eu obrigo, eu não nego, eu não concedo, eu não procuro nenhuma forma de entendimento. Eu obrigo, é uma imposição. E como eu obrigo meu adversário a aceitar as minhas razões? Desarmando. O adversário desarmado está inteiramente a minha mercê e ele é obrigado a aceitar a minha posição. Então, essa definição de Clausewitz, no “Da Guerra”², é perfeita, porque ela não diz que a guerra é provocada por interesse econômico, por interesse político, por prestígio, para eu conquistar uma província, ou um recurso natural. Ela simplesmente diz o seguinte: é a forma pela qual eu obrigo o meu adversário a aceitar as minhas razões. E como eu posso fazer isso? Desarmando. E para desarmar, óbvio, eu tenho que usar a violência.

1 Carl Philipp Gottfried von Clausewitz (1780 – 1831).

2 *Vom Kriege*, Berlim, 1832.

Nesse sentido é muito complicado, porque o Brasil viveu muito recentemente, e a América do Sul em seu conjunto, com pouquíssimas exceções, como a Venezuela, ditaduras militares. Então vários colegas acham que fazem trabalhos sobre Guerra, quando fazem trabalhos sobre militares. Isso é uma coisa que tem que ser muito bem esclarecida. Eu já li vários livros sobre guerras e sobre militares que você vai ver é uma sociologia política ou é ciência política ou é história política. Não é História da Guerra no seu aspecto. A História da Guerra deve ter pelo menos a possibilidade do embate. Se não houver o embate eu não estou falando de Guerra, eu estou falando de agentes políticos. Então se eu estou falando da ditadura militar no Brasil – que eu nem acho que seja exatamente militar: Delfim Neto, Sarney, Roberto Campos estão aí o tempo todo, tinham o poder dentro do regime – ela tem uma metodologia que não tem nada a ver com, por exemplo, Clausewitz ou Sun Tzu ou com Jomini³, com nenhum pensador militar. Pra eu estudar os militares no Brasil eu tenho uma metodologia de sociologia política que pode ser a mesma que eu uso, por exemplo, para estudar os gerentes da Coca-Cola no mundo ou a Ordem Beneditina. Tirando o específico do que cada um deles fazem. Quantos eles eram, qual a posição política, quantos vinham de cidade do interior, quantos são católicos, protestantes, quantos são homens, quantos são mulheres, etc. Esse tipo de análise é uma sociologia política e a metodologia não é específica, pode ser utilizado pra qualquer tipo. Por exemplo, eu posso usar a mesma metodologia que eu estou usando para saber quem eram os militares e o que os militares pensavam durante a ditadura, para saber quem eram os militantes da luta armada. Então não tem especificidade nesse sentido.

Na História da Guerra não. O embate é o coração, não precisa ter havido o embate, como por exemplo, na Guerra Fria. Ninguém tem dúvida que havia um forte enfrentamento e um sistema montado pra isso na Guerra Fria, mas o embate direto entre a URSS e os EUA não aconteceu, embora eles tivessem embates indiretos na Coreia, no Vietnã, no Afeganistão, etc. Mas há a possibilidade do embate. Em Cuba em 1962, no Vietnã em 1969 nós tivemos alerta vermelho, aí a tensão evolui para conflito e o conflito pode ou não evoluir pra guerra.

“A História da Guerra deve ter pelo menos a possibilidade do embate. Se não houver o embate eu não estou falando de Guerra, eu estou falando de agentes políticos.”

Essa evolução de tensão, conflito e Guerra é exata também, nesse sentido. A tensão existe no nível geral das relações no interior de uma ordem mundial. Uma ordem mundial nunca é necessariamente um jogo de soma zero nem um jogo normatizado, regulado. Alguém vai sair perdendo. Não há como, na ordem mundial, malgrado dos cooperativistas e os neokantianos, que acham que pode haver uma ordem mundial cooperativa (estou pra ver!). Alguém vai perder, alguém vai ganhar. Não há como isso não ser feito. Esse foi [o tema de] um dos maiores seminários feitos pela Universidade de Fudan, na China, entre 2006 e 2008. Eles discutiram isso intensamente. Porque toda vez que há uma ascensão de uma grande potência – Japão, Alemanha, Itália, ou então antes, França, Inglaterra – a ordem mundial entra em colapso e ela só se estabiliza após um grande conflito, o duelo entre França e Inglaterra, depois Alemanha, França, Inglaterra, Japão e EUA. E o grande medo dos chineses foi exatamente que a ascensão da China representasse a imperiosidade de uma nova guerra mundial para reacomodar isso. Daí eles terem tirado no governo de Hu Jintao, o slogan “China, ascensão pacífica de uma grande potência”. Nesse momento eles estão revendo isso, eles acham que não é possível.

3 Barão Antoine-Henri Jomini (6/03/1779 – 24/03/1869), importante teórico militar na primeira metade do século XIX.

RC: É possível que exista uma guerra?

FCT: É possível que exista uma guerra. Pode ser que essa guerra não seja com os EUA. Mas os EUA não vão permitir de maneira alguma uma alteração do status quo no qual eles perdem! Só pode perder a potência que é hegemônica. A potência que está batendo na porta, aquilo que a gente chama de “*second commers*”, quer de qualquer forma alterar o “*first commers*”. Então quem está lá em cima tenta empurrar para baixo para não permitir isso. Pode ser, na compreensão chinesa hoje, que a tensão já evoluiu para conflito. Hoje, por exemplo é com o Japão em torno das ilhas do mar amarelo e do mar da China oriental. Talvez não seja uma guerra direta com os EUA, pode ser uma guerra com o Japão, mas aí uma derrota ou uma humilhação do Japão é uma perda de prestígio dos EUA. Indiretamente você atinge a potência hegemônica, porque você diz: “você não é capaz de garantir 1) a ordem como está; 2) você não garante seus aliados”. Seus aliados agora vão procurar outros aliados e outros mecanismos de pressão.

No Clausewitz, o que acontece, a tensão pode evoluir para o conflito, e o conflito evoluir pra guerra. Um dos princípios básicos do Clausewitz é que todo conflito tende para os seus extremos. Se um conflito eclodir a maior chance que existe não é que ele seja controlado, é o contrário. É o que em pensamento militar se chama de “escalada”. Quando se estava na Guerra do Vietnã o medo excessivo dos americanos e dos soviéticos, o Kissinger falava isso tudo, era a escalada. Porque quando você *escala* e é uma potência muito armada você tende a usar tudo o que tem. Naquele momento tudo o que tinham era arma atômica. Então a gente tinha medo de uma escalada que terminasse num conflito nuclear generalizado por uma questão que absolutamente não mudou em nada a geografia do mundo: nem os EUA ficaram mais fracos nem a URSS ficou mais forte, que foi a Guerra do Vietnã. Mas naquele momento as pessoas não sabiam, a questão central era ninguém perder ali. Então a “escalada” é a passagem de conflito pra guerra. E dentro da guerra você passa de uma guerra localizada para uma guerra total. Esse é o grande problema da guerra, sempre foi o grande problema da guerra. E por isso que a famosa frase do presidente da França, Clémenceau⁴, “A guerra é um assunto serio de mais para ser deixada a cargo dos militares”. Porque os militares não tem a dimensão política, eles têm a dimensão do campo de batalha, no máximo eles conseguem ver um teatro de operações, mas não mais do que isso. O político é o único que consegue ter uma visão geral. Então a guerra tem que ser administrada por políticos. Quando ela é administrada por militares o objetivo do militar é destruir completamente o seu adversário e isso pode levar a própria destruição dele. A melhor coisa que você pode fazer em relação à guerra é não fazê-la. Você tem que assumir uma posição de absoluto pacifismo, de recusa total à guerra, ou então partir tranquilamente para a destruição total.

O general Sherman⁵, que comandava as tropas americanas da União, quando faz a famosa marcha pela Confederação, ele vai destruindo tudo no caminho, inclusive incendeia Atlanta, maior cidade, entroncamento ferroviário, algodão, aquelas coisas todas. A população elege representantes e vão até lá pedir a ele que não incendeie a cidade, enfim eles eram americanos de qualquer forma. Ele tem uma frase lapidar: “A Guerra é um inferno. Isso não é adjetivo. Se vocês não queriam as suas cidades destruídas não deveriam ter disparado o primeiro tiro.” Depois que você começa a guerra ninguém tem controle efetivo do que pode acontecer. Então, tem sim uma relação entre tensão, conflito e guerra. Ela é uma escalada, ela está prevista dentro do pensamento militar, ela implica em controle, e esse controle reside no fato da guerra não poder ser conduzida por militares. Ela tem que ser comandada por militares, mas

4 Georges Benjamin Clémenceau (1841-1929).

5 William Tecumseh Sherman (1820-1891).

ela tem que ser conduzida por políticos.

RC: senhor falou que ou se é radicalmente pacifista...

FCT: Ou se prepara pra usar tudo.

RC: Isso me lembrou de outra pergunta: existe um senso comum no Brasil de que a “cultura nacional” seria propensa a evitar os conflitos, (vemos isso na televisão, nas conversas) que se buscaria sempre a mediação, a acomodação das diferenças. Fala-se muito que essa “cultura brasileira” em relação a outros países seria menos belicosa. Muitos defendem isso como algo positivo da característica “brasileira” e outros dizem que essa característica seria um problema, pois a gente não lutaria pelos nossos direitos. Mas poucos refutam esse senso comum de um caráter nacional pacífico. O Célebre “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. Porém ele publicou seu livro em 1936, e não era um elogio, ele buscava a superação disso...

FCT: Tem vários aspectos. Logo no início teve uma fortíssima polêmica entre o Sérgio Buarque de Holanda e o Cassiano Ricardo, o poeta. Ele foi muito crítico, talvez até resultado dessa polêmica tenha sido uma certa morte civil do Cassiano Ricardo, que embora sendo um grande poeta, ninguém publica, ninguém fala, ninguém cita, porque ele bateu de frente com Sérgio Buarque e pareceu que naquela hora ele defendia o Estado Novo e defendia a violência, o poder brutal, enquanto o Sérgio Buarque não. Tem uma segunda coisa nisso, que talvez seja uma má compreensão: cordial é aquilo que vem do coração, *core*, o ódio também vem do coração. Eu diria que nós estamos perante sentimentos radicais, não diante de sentimento, digamos, gentis ou uma *politesse* nacional nesse sentido. São sentimentos radicais. A cordialidade nesse sentido não sinonímia de *politesse*, mas é sinonímia de *emocionalidade* extrema. E o ódio é uma manifestação dessa coisa. Se a gente quer ter aqui como chave o caráter nacional brasileiro, e aí o Sérgio Buarque foi o grande autor que produziu uma interpretação do caráter nacional brasileiro.

É interessante notar que o Sérgio Buarque estudou em Berlim nos anos 1930, tem uma boa descrição disso, ele leu Rank, inclusive traduziu o “Ensaio às grandes potências”, estudou na mesma universidade que eu estudei, e essa universidade era fortemente influenciada pelo pensamento de Herder, Hegel e Rank⁶. A universidade alemã ou é hegeliana ou é kantiana, ela sempre vai estar aí, não vai haver espaço pra outra coisa. Ou hegeliano mais a direita ou mais a esquerda ou decididamente kantiano. Berlim era uma universidade, até o nazismo, profundamente rankiana, hegeliana de direita e uma das coisas que tinha nesse pensamento, um misto de Hegel com Herder, era a ideia de que um povo para ter um papel na história tem que ter um caráter nacional, que se um povo não tiver um caráter nacional ele é um papel em branco. Então Herder, retomado por Rank, dizia que os russos são o poder camponês ortodoxo, bizantino, burocrático, brutal, nesse sentido. Os alemães são a burocracia hierárquica protestante, os ingleses são o poder autônomo, o poder local, comerciante e marítimo e obviamente os EUA seriam isso também. A França é a democracia, a democracia tumultuosa, a democracia absolutamente turbulenta. Portugal e Espanha são o barroco, o catolicismo barroco conquistador. Então isso é quase que, nos anos 1920, chão comum do pensamento social alemão.

Eu tenho a impressão de que nunca ninguém fez um trabalho nesse sentido sobre Sérgio Buarque, até porque as pessoas no Brasil, como tem pouco acesso a alemão, não leem os autores... Porque um trabalho fundamental era apanhar todas as notas de pé de página do

6 Johann Gottfried von Herder (1744-1803).

Sérgio Buarque e ver quem são esses autores, o que ele leu, o que ele fez. Quando você faz esse trabalho o que você vai ver: ele estava dentro dessa discussão. Quando ele volta para o Brasil ele quer trazer essa discussão e dizer: qual é o caráter do brasileiro? Se o russo é isso, o francês é aquilo, o alemão é aquilo, os anglo-saxões são aquilo outro, e nós? Ele pensa essa questão que é genial, que é verdadeiramente genial, que é o brasileiro como homem cordial. Que evidentemente aponta muito mais para *emocionalidade*, e, portanto, pode ser amoroso ou odioso.

A outra coisa, em outro campo de abordagem totalmente diferente, é da história militar mesmo, e eu não diria nem só do Brasil, eu diria da América do Sul. Hoje, no mapa geral de história da guerra, a América do Sul é considerado um continente de baixa letalidade, de baixa belicosidade. O mais importante trabalho feito até agora, de um americano [Robert L. Scheina], chamado "Latin American's War"⁷, em dois volumes, ele faz um balanço com quase 600 páginas da ideia de conflito na América Latina. A revista *Foreign Affairs* publicou um número inteiro com referência a baixa belicosidade do continente. As guerras principais, as guerras brutais, teriam sido até o século XIX pela herança colonial. Quer dizer, você não tinha Estados montados no início do século XIX. Como você não tinha Estados montados você não tinha clareza da definição de fronteira nacional, aonde era fronteira nacional. E você não tinha nem clareza de que esses Estados iriam sobreviver. Por exemplo, Colômbia, Panamá e Venezuela estavam unificados, Peru e Bolívia estavam unificados, Paraguai, Uruguai e Argentina não se sabia se ia ser um país ou iam ser vários países. Então esse processo de construção do Estado Nacional na América do Sul levou a um período de intensas e brutais guerras entre 1810 e 1870, a mais tardia foi a guerra do Pacífico, em 1892, ente Chile, Bolívia e Peru. Porque a definição do Estado Nacional e da relação território-nação-Estado que não estava estabelecida. Quando ela se estabelece no fim do século XIX você começa um período sem grandes guerras. Você vai ter a guerra do Chaco (1932-1935), entre Paraguai e a Bolívia, que é uma guerra de pobres, sem poder de letalidade, não se compara com nenhum outro conflito, principalmente à Guerra do Paraguai. E você tem o conflito Peru e Equador por um pedaço de floresta. O resto é muito baixa letalidade, porque o Estado já se identificou com o território e com a nação.

No caso brasileiro, o Brasil herdou um Estado português intacto, na verdade quando a família real vai embora, ela deixa o Estado montado aqui, com forças armadas, marinha, com sistema de imposto, com arrecadação fiscal, com tudo. Coisa que nenhum vizinho no continente tinha. Nós conseguimos uma expansão brutal sobre o continente. Ocupamos os territórios que nós queríamos, e até hoje esses territórios são muito maiores do que efetivamente o Brasil tem necessidade vital. Na verdade, a fronteira agrícola brasileira continua aberta, a gente continua abrindo fronteira. A gente não quer nem mais abrir fronteira. Mais uma vez vamos ter uma super safra e não precisamos mais de território. Então, isso não se compara com a Europa onde o território é exíguo e o conflito por elementos vitais é enorme, nem se compara com a Ásia, mas de certa forma nós [América do Sul no século XIX] nos comparamos com a África hoje. Quando o Estado ainda não recobre o território e ainda não se identifica com a nação. As nações são fluidas. O território não é ainda consolidado e a cobertura do Estado, o que a gente chama de soberania, sobre o território ainda não foi estabelecida. Então, nós não somos pacíficos, nós estamos satisfeitos.

RC: A História vem ganhando cada vez mais espaço...

FCT: História da guerra que você fala?

7 Latin America's Wars Volume I: The Age of the Caudillo, 1791-1899 e Latin America's Wars Volume II: The Age of the Professional Soldier, 1900-2001. Robert L. Scheina

RC: A disciplina História de uma maneira geral...

FCT: É isso que eu diria.

RC: A História é usada como instrumento de reivindicação de direitos, de legitimação de lutas, de reparação histórica. Nesse cenário, onde a informação é difundida com cada vez mais velocidade, como o senhor enxerga o papel do historiador nesse contexto, onde vários grupos usam ou se apropriam...

FCT: O historiador é uma profissão altamente prestigiosa, pode ser mal remunerada, isso é outra coisa. Mesmo aquelas pessoas que sabem que a pessoa recebe pouco e tem algum preconceito social ou econômico contra pessoas que recebem pouco, quando você fala que é professor de História as pessoas tem uma admiração, as pessoas reconhecem você como alguém que tem prestígio social, exatamente nessa direção que você falou: você tem um determinado poder arbitral, você diz o que é válido ou o que não é válido. Uma coisa absurda, totalmente absurda. Porque ao fim a História é apenas uma disciplina acadêmica sujeita a todas as confusões a que o direito e a medicina também são, acho que todos os erros e dúvidas, eu temo até que História bem mais do que outras.

Então na verdade nós temos uma profissão prestigiosa. A sociedade hoje tem uma fome de história, literalmente uma fome de história. E essa fome está ligada a coisas muito claras. Primeiro lugar porque o passado recente é muito duro, o passado recente está ligado, e aí eu estou pensando Argentina, Chile, mesmo Brasil, Bolívia, às ditaduras, desaparecimentos, guerra suja, corrupção, então na verdade as pessoas tem uma vontade de saber, uma vontade de conhecer a história para entender isso. Isso também aconteceu na Alemanha, na França, na Itália, por causa da guerra, do Holocausto, da colaboração da ocupação [nazista], então isso é muito claro. Em alguns momentos há risco nisso. Esse filme maravilhoso, *“Uma cidade sem passado”*⁸, mostra um pouco como que, enquanto há algumas sociedades que querem saber, que querem ter um visão das coisas, procuram e valorizam, tem cidades que querem esquecer, que tem países, regiões ou grupos sociais que querem esquecer a história. A história daquela moça que tinha terminado o curso de história e não sabia que monografia iria fazer, e aí vai visitar os pais e resolve fazer uma monografia sobre a cidade dela, e fica apavorada, porque dizem: não faça isso, não mecha nisso, não seja desagradável. Ela vai ser uma “moça desagradável”, uma “moça insuportável”...

“Nós conseguimos uma expansão brutal sobre o continente [americano]. Ocupamos os territórios que nós queríamos, e até hoje esses territórios são muito maiores do que efetivamente o Brasil tem necessidade vital. (...) Então, nós não somos pacíficos, nós estamos satisfeitos.”

Então alguns grupos sociais ou algumas sociedades querem apagar a história e outras ao contrário, tem uma fome de saber, uma fome de história nesse processo. Nós hoje temos uma fome de história. A gente quer saber, a gente tem interesse em saber. Mesmo na própria Alemanha, a geração que está ali retratada no filme... Eu lembro a primeira vez que eu cheguei, em 1978, a Berlim, o muro ainda estava lá, ainda tinham escombros pela cidade, aquela coisa toda, eu fui ao banheiro da Universidade Livre, e aí tem aquela sociologia de porta de banheiro,

8 Das Schreckliche Mädchen, 1990.

tinha uma múltipla escolha escrito assim: “quem é seu nazista predileto? A) Adolf Hitler; B) Göring; C) Joseph Goebbels; D) vovô”. Então, saber [a História] nessa sociedade é complicado.

A outra coisa que entra aqui é o arbítrio que é dado à profissão. Por exemplo, eu toda hora sou chamado para ir à televisão falar sobre isso, aquilo, aquilo outro... A gente tem que ter muito cuidado, porque nós não temos esse monopólio. Tem pessoas que estão se arvorando em juízos de valor sobre tudo e todas as coisas. Não é apenas aquilo que você sabe ou não sabe, mas é o seu lugar de fala. Por exemplo, no Brasil uma minissérie ou uma novela da *Globo* ou um barracão de escola de Samba produz tanta história quanto a gente, sob outros métodos, tem outra metodologia, mas tem uma eficácia de produção história que é muito grande. Uma minissérie como “Anos Dourados” ou tudo o que a maioria absoluta da população brasileira, ou pelo menos a população do Rio de Janeiro, conhece sobre Chica da Silva, sobre Rui Barbosa, sobre a Princesa Isabel vem de Escola de Samba. Duvido que alguém tenha lido um livro sobre *“Eu fui ao banheiro da Universidade Livre [Berlim], e aí tem aquela sociologia de porta de banheiro: “quem é seu nazista predileto? A) Adolf Hitler; B) Hermann Göring; C) Joseph Goebbels; D) Vovô”. Então, saber [a História] nessa sociedade é complicado.”*

Chica da Silva, tem um filme, mas já é produto de cinco ou seis enredos de escola de samba que saturaram essa ideia de escravidão, da escrava sensual e etc.

Então a sociedade produz história o tempo todo, por vários lugares, as falas são múltiplas, uma polifonia e não uma sinfonia, não está sincronizado, não estão organizados. Não é sinfônico, é polifônico. Às vezes é até mais, chega a ser uma cacofonia. Mas todos têm direito. “Ah, mas professor o enredo desse ano diz isso, tá certo, tá errado?” Não tem a menor importância. São um grupo de artistas produzindo uma versão da história do Brasil, eles têm todo direito. A mesma coisa com filme. Uma vez eu tive uma discussão com o Daniel Aarão Reis Filho por causa do “O que é isso companheiro”. Ele disse “não foi assim que aconteceu”. Eu disse: “Daniel, não é história”. Se fosse como aconteceu começaria a ter arte oficial e não dá pra ter arte oficial. É importante que de um lado os livros dele, e como ele faz, são História, história acadêmica, com regras, que se não são verdade são veracidade. Tem um conjunto de regras que tem que ser atendidas. Agora o resto são outros lugares de fala, que tem todo direito de existir da mesma foram.

RC: Tem a ver com a questão da memória estar ligada com as reivindicações do presente?

FCT: Essa questão é complicada. Eu, no fundo, no fundo, fico parando para ver e, esse livrinho é sobre isso [Vox Voces – (Re)memorar. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012]. Eu não sei o quê que é Memória. Eu vejo várias vezes, por exemplo: Centro de Memória da Televisão Brasileira. Na verdade é um Centro de Documentação, eu entendo como sendo um Centro de Documentação. O quê que é Memória? Memória é aquela parte da identidade construída pela sociedade sobre si mesma, e não a produção acadêmica, porque evidentemente um livro de História não é Memória. Quer dizer, a gente esta falando de narrativas diferenciadas, a partir de lugares de fala diferenciados, com regras narrativas autônomas. Então, é esse tipo de coisa. Agora, sem dúvida nenhuma, isso é prestigioso hoje na nossa sociedade, pelo menos, é altamente prestigioso, seria bom que o salário fosse tão bom quanto o prestígio social que daí advém, mas...

RC: Nos anos de 2011 ou 2012 o segmento de história ficou em segundo lugar entre os livros mais vendidos no Brasil e, recentemente, um professor português anunciou que o Brasil possui a segunda maior comunidade de historiadores do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Quando o Sr. fala dessa fome de história que a população brasileira possui, por acaso, isso está relacionado com questões mais atuais, como a criação da Comissão da Verdade, que é um assunto discutido em todos os lugares?

FCT: Uma Comissão da Verdade que não tem historiador, que não discutiu o que é verdade, e que não tem historiador.

RC: Mas frequentemente se compara o que está se passando atualmente no Brasil, com a abertura de arquivos, ao que se passou na Alemanha pós-holocausto. Como é que o Sr. vê esses dois processos?

Eu não compararia a relação da sociedade com a história, com Brasil X Alemanha. Acho que são situações totalmente diferentes. Na Alemanha não havia quem não soubesse do conflito, quem não vivesse o conflito, quem não tivesse perdido, de uma forma ou de outra, membros da família, estava tudo destruído e o mundo inteiro culpava os alemães pela destruição, e os alemães assumiram a culpa. Além de tudo a União Soviética, os Estados Unidos, e mais ou menos, a Grã Bretanha, apanharam todos os documentos que quiseram e publicaram desde o início. Quer dizer, Nuremberg é a primeira publicação maciça de documentos incriminando pessoas pelos seus atos enquanto governo, enquanto dirigentes, essa coisa toda. O único arquivo que estava fechado, no caso alemão – porque não se aplicou a lei de sigilo sobre a Alemanha (a Inglaterra tem, os Estados Unidos tem, a Rússia tem, mas a documentação alemã foi toda ela publicada) – foi o arquivo do Departamento Central de Segurança do Reich, que incluía uma parte de Gestapo, que foi levada pelos Russos para Moscou, para tentar chantagear os alemães. Esse arquivo só foi devolvido em 1991, quando teve a unificação da Alemanha e foi o último arquivo nazista alemão a ser aberto. Eu trabalhei nele durante três anos, foi verdadeiramente importante ter acesso, por exemplo, aos brasileiros que encontrei colaborando com a Alemanha, mas o resto alemão estava aberto.

Eu acho, a minha opinião, que a melhor comparação seria com o entusiasmo quase frenético que a China tem por história hoje, que vai desde as escavações arqueológicas que provam uma antiguidade enorme do país, até essa discussão de quase dois anos e meio nas Universidades sobre a ascensão e queda das grandes potências que virou uma série televisiva que foi vista, o debate dos historiadores, – claro, é China – por quase 300 milhões de pessoas, e as pessoas discutiam isso. Eu acho que no caso do Brasil nós passamos por um processo muito parecido com a China, um país envergonhado de si mesmo, um país que se pensava o famoso “complexo de vira lata”, como um país inferior, um país que se vocacionava a ser um país subordinado na ordem mundial, a China ocupada, gente com um colonialismo informal, neocolonialismo informal ou teoria da dependência, ou o que quiser, e que de repente esses países se encontram consigo mesmo, se encontram com a ideia de que são potências relevantes, nas escalas devidas, que são países que podem influenciar e que estão melhorando enormemente as condições de vida de sua população, começa a ter um entusiasmo pelo próprio país. E aí as pessoas querem saber mais, querem saber as misérias, querem saber as dores, querem saber os sucessos, querem saber o que aconteceu.

Então, pra mim, eu não compararia com a Alemanha, primeiro por uma questão técnica, porque os arquivos alemães foram todos publicados, desde o início, e os alemães foram culpados, não havia dúvida em relação a isso. E, em segundo lugar, porque na Alemanha havia um sentimento geral de culpa, e de responsabilidade. No caso do Brasil, parece bem

mais um entusiasmo pelo próprio país, pelo novo papel do país, nesse sentido, me parece muito parecido com o que está acontecendo com História na China. Mais uma vez, as pessoas não acompanham, porque tem muita dificuldade de leitura, tem muita dificuldade de acesso, essa coisa toda, o que é uma bobagem, porque todo esse debate chinês está em inglês, e é publicado simultaneamente em chinês e inglês, se as pessoas procurarem vão achar, está todo ele publicado na China em inglês, você pode acompanhar. O artigo sai em chinês e em inglês ao mesmo tempo.

Há na China essa euforia, esse entusiasmo que parece muito com o caso do Brasil.

RC: Nós queríamos saber um pouco sobre a questão do tempo presente que é um conceito novo, e que ainda desperta certa desconfiança em alguns. Em um artigo da Carta Capital (14/05/2012) sobre a Palestina que o Sr. usa o termo “tempo coagulado” e que também desperta uma curiosidade muito grande em saber o que é o fenômeno desse “tempo coagulado”, e será que com essa Globalização, com o cenário atual, há uma tendência a aumentar o “tempo coagulado” ou até mesmo diluí-lo?

Nada é original no mundo, nem você quando tenta ser. Quer dizer, a noção de tempo ela me ocupou, e desde o início ela me preocupou, desde o meu curso de Metodologia da História no primeiro semestre, e isso em 1972 – Sou velho! – que foi dado, por sinal, por uma professora que era na época do Departamento de História da UFF, Amélia de Souza, que já faleceu, brilhante curso! E ela começava o curso com um texto de Heisenberg, o físico, sobre a relatividade, eram outros tempos, não era Peter Burke.

Quer dizer, a minha preocupação com o tempo, ela começa com uma coisa que era naquele momento uma discussão filosófica pesada, que implicava de um lado o Heisenberg e, de outro lado, o Bergson, filósofo francês que mais trabalhou a questão do tempo. A discussão disso também estava muito ligada outros filósofos franceses que discutiam a aceleração do tempo. Falavam que o tempo não é um tempo igual, o tempo, ele não existe se nós não existíssemos, o tempo é uma criação humana, inteiramente humana. É um total engano imaginar que o universo existe com o tempo e com leis. As leis foram criadas por nossa inteligência ou, pelo menos, pela nossa inteligibilidade no universo, então, nesse sentido o tempo, às vezes, pode ser longo, ou o tempo pode ser lento, ou pode ser o que a gente chama uma aceleração do tempo.

Durante a Guerra Fria, por exemplo, para as Relações Internacionais o tempo é longo, o tempo, nada muda de 1945 – se quiser 1947 – até 1991, o fim da União Soviética. São os Estados Unidos e a União Soviética, o resto é variação factual, o tempo está congelado. De 1991 para cá o tempo acelerou, deu uma acelerada. Essa coisa de imaginar uma coligação – porque na prática é isso, é a emergência de uma coligação – formada por Rússia, China, Índia, Brasil, como contrapeso a super hegemonia anglo-saxã, isso em termos de distanciamento histórico, é um fenômeno. Isso é uma aceleração do tempo. O tempo não é sempre igual. Braudel, muito influenciado por Bergson vai falar nos tempos: um tempo curto, nervoso, da conjuntura; um tempo longo, das estruturas. Eu prefiro, sinceramente, a discussão de Bergson com Heisenberg, como eu vi naquela época e que estava ali.

No caso da Palestina, o que a gente vê desde 1967, é que o tempo foi parado para aquelas pessoas. Daí a noção de um tempo que coagulou, ele se estragou, ele perdeu a dinâmica e a gente está numa terceira geração nascida em campos de refugiados, sem perspectiva, e isso

acumulando ódio, acumulando dificuldades, acumulando sofrimento. Então daí essa noção que ali o tempo coagulou. Pode ser que ele esteja acelerado para a população da China, do Brasil, mas para aquele grupo não, porque o tempo não é único.

Na questão do tempo presente, quer dizer, existia toda uma discussão. E nessa discussão você tinha o que a gente chama História Contemporânea, que tecnicamente começa com a Revolução Francesa [1789], mas se a gente se olhar enquanto pessoas do nosso tempo, a gente não tem nada em comum com Robespierre, com Jefferson, com aqueles homens, com aquela época. Se você perguntar hoje para as pessoas na rua qual a lembrança de história que eles têm, dificilmente se passa das gerações dos pais dos nossos avós. Já é um jogo complicado entre vocês e eu, já complica [risos]... Era preciso pensar em algum momento um rompimento, uma cesura no tempo onde as pessoas estivessem verdadeiramente ali. Quando Petrarca⁹ pensa as divisões das *étá*¹⁰ da História, das idades da História, ele pode dizer “nós, os modernos”, ele está inaugurando a História Moderna, no Renascimento, e ele se diz, “nós, os modernos”; para eu me dizer, “eu o contemporâneo” pensando aqui, meu amigo, a sociedade mudou inteiramente, os valores, os princípios, essa coisa toda.

O problema é pensar onde que esta a ruptura. Aonde que essa cesura se estabelece. Na Europa, onde que isso surge? Na França e na Alemanha, os dois países onde a história do tempo presente surge, o Instituto de História do Tempo Presente foi criado pelo professor François Bédarida, com quem eu trabalhei em Paris, em 1982. Causou uma reação tremenda quando Bédarida produziu a noção de *temps présent*¹¹ e a Universidade de Paris IV não quis aceitar. O Instituto teve que sair da História e ser criado no interior do CNRS, Centre National de la Recherche Scientifique¹², porque a Universidade não queria, ela disse que não existia isso de “tempo presente”, principalmente porque os objetos de estudo de Bédarida eram a guerra, mas acima de tudo a derrota da guerra – aquilo que Marc Bloch chamou de “A estranha derrota” – a ocupação e a colaboração, e a sociedade francesa não estava disponível para falar da colaboração, ela estava disponível para falar da resistência.

E interessantíssimo que essa Revista, que nós todos amamos tanto e elogiamos tanto, que é a Revista dos Annales, que Peter Burke diz que é uma escola, não sei como, ela, até 1992, não tinha publicado um artigo sequer sobre o holocausto, sobre a ocupação e sobre a colaboração. Mas tinha publicado 15 mil artigos sobre bruxas, feiticeiras, coisas parecidas. Agora, a maior queima de seres humanos da História não tinha sido um objeto da Revista dos Annales.

Em 1992 foi o aniversário da reunião das crianças no velódromo de inverno de Paris, *Vélodrome d'Hiver*, quando as crianças judias foram então mandadas para Dachau e de Dachau para Auschwitz. E aí eles falam: “É!...” e assim mesmo porque pegou mal. Por que? Porque a França tinha construído pra ela um mito da França resistente, da França combatente, o mito gaullista¹³, então era todo mundo herói da resistência, ninguém tinha aderido, ninguém tinha colaborado, a não ser 4 ou 5 mulheres malucas que eram prostitutas e saíam com alemães, mas fora isso os empresários franceses, os intelectuais franceses, os políticos franceses, isso não tinha acontecido.

Então, há uma reação muito grande contra Bédarida, e os colegas dele para a criação do Instituto, e aí vem o processo e é muito doloroso pros franceses. Eles tinham criado, se você

9 Francesco Petrarca (Arezzo, 20 de julho de 1304 — Arquà, 19 de julho de 1374), intelectual renascentista.

10 *Idade* em italiano.

11 *Tempo Presente* em francês.

12 Órgão que, grosso modo, corresponde ao CNPq no Brasil.

13 Referente a ideologia associada ao presidente francês Charles de Gaulle.

pegar, por exemplo, “Paris esta em chamas”, o filme do René Clement, você tem ali o comunista, o padre, o republicano, todo mundo contra os nazistas. Mas, mais uma vez, mostrando que o historiador não tem o monopólio da História e, mais do que isso, que o historiador por ser institucional é muitas vezes mais conservador do que a sociedade.